

A BIBLIOTECA DEPOIS DA L’ORÉAL

Com a experiência na L’Oréal entendi que eu vinha vivendo dentro de um formato Gillette, e que ele não era a mesma coisa que o mercado real — e que, se um dia eu me visse fora de um contexto corporativo, estaria completamente despreparado para enfrentar o mundo.

Meu pai ligou e me convidou para almoçar — não em casa, a gente se encontraria fora, como se fosse só trabalho, quando na verdade estávamos passando o nosso melhor tempo juntos, pai e filho se reencontrando. Sinto falta dele.

Ele estava curioso para saber como eu me sentia depois dessa experiência profissional — não queria os detalhes nem os pormenores, sempre tinha sido um homem reservado, nunca perguntava, só ouvia e sorria.

Eu tinha dito a ele que queria estudar — não na escola nem na universidade, mas entrando numa biblioteca e, dia após dia, explorando o que os livros tinham a dizer.

Ele ficou feliz com isso e disse: a cultura não vem só da experiência — lembre-se de que a história sempre se repete, os mesmos ciclos, de novo e de novo, basta ler uma vez e entender como funciona.

Poucas palavras, nada de teatro — isso também faz parte de quem eu sou hoje. A ironia eu puxei da minha mãe, um traço, na verdade, herdado do meu avô materno.

Mas eu teria sempre de ajustar a minha linguagem a quem estivesse falando comigo, porque uma palavra complicada muitas vezes não é sinal de cultura nenhuma — só faz você parecer um ignorante idiota que não tem ideia do que diabos está falando.

Pensei em ir a Milão e me inscrever num curso de gestão da Kaiser, mas eles queriam 3.760.000 liras, e depois de ler o programa não me convenci de que valia o investimento.

Eu queria me pôr à prova diante do conhecimento dos outros, e encontrei o que fazer: UM CURSO DE MERCHANDISER, em que eu poderia refinar e melhorar o que já fazia na prática, dando-lhe uma base teórica.

Paguei 650.000 liras por vinte horas de aula por semana — mas como isso acabou eu conto no próximo episódio.

Só um pensamento: naquela época eu já pressentia que alguma coisa em mim não estava funcionando, ou talvez estivesse funcionando muito bem, mas eu não sabia dizer o que era. Foi a escrita, mais tarde, que deixou tudo claro.

Eu era alguém que ninguém esperava que existisse — e, no entanto, eu era alguém.

Ferdinando